

AMORES NOVOS

Edição de

Carina Guerreiro
Carla Henriques
Cláudia Ferreira
Susana Balbino

Coordenação de Ângela Correia

BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA

Junho 2008

1

Índice

Nota editorial

Introdução

Descrição do livro

Normas de transcrição

Fac-símile da capa

Transcrição

Rosto do livro

AMORES NOVOS

A' MEMORIA DE MEU PAE

Dedicatória

Non nova, sed nove.

A Cruz

Ballada dos chocalhos

Lume apagado

Elegia das candeias

Elegia da Varanda Portuguesa

CANÇÕES

Canção do Pó
Canção do caruncho
Canção do degredado
Canção do povo

AS DANÇAS POPULARES

O vira
O regadinho
A ciranda
O malhão

SONETOS

Poesia dos caminhos
A ultima volta
Madrugada
O correio rural
Velha fabula
Gottas d'agua
Cinzas dos lares
Troncos nós
Inverno agreste

O olhar de Deus

Velha amiga

Saudade

Lei do mundo

O nicho

Extrema uncção

INDICE

Nota editorial

Introdução

A edição que aqui apresentamos foi preparada a partir da primeira edição, e única conhecida, da obra *Amores Novos*, de Henrique Trindade Coelho, publicada, em 1911, pela Livraria Editora Cernadas & C.^a.

Henrique Trindade Coelho (1885-1934), filho do escritor José Francisco Trindade Coelho, formou-se em Direito, tendo desenvolvido diversas actividades ao longo da vida. Foi escritor e jornalista, tendo chegado a dirigir o jornal *Século*, além de ter sido titular de certos cargos políticos e diplomáticos de relevância. Além desta obra que agora se edita em suporte digital, publicou *Carvões*, em

1907, *Ferro em Brasa*, em 1913, e *Prosas e Versos de Belchior da Nóbrega*, em 1920¹.

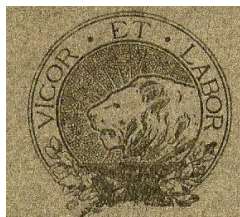
A escolha desta obra, além do interesse literário que nos pareceu ter, foi orientada pelo facto de a edição em suporte de papel não ter tido grande divulgação e de ser, actualmente, de difícil acesso. Na verdade, a busca por várias bibliotecas públicas levou-nos a encontrar um único exemplar na Biblioteca Nacional de Portugal, incluído num volume miscelâneo (cota: L. 25870//12 P.).

Foi este o exemplar a que recorremos para prepararmos a presente edição em suporte digital.

¹ Lisboa, Eugénio (coord.); *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro – Ed. Publicações Europa-América, Volume III, 1994.

Descrição do livro

A edição em papel que se procura reproduzir tem uma capa verde-cinza e, além do nome do autor, do título e do habitual rodapé com indicação da editora, respectiva morada, data e local de edição, a capa inclui um subtítulo que procura dar conta do que poderá o leitor encontrar dentro do livro: “VERSOS”. Em posição central e ocupando portanto lugar de destaque na organização da capa, encontra-se o timbre da editora, que reproduzimos à direita. Como se pode ler, o timbre é encimado pelo que terá sido o lema da editora (“VICOR · ET · LABOR” – vigor e trabalho). Encontrámos este mesmo timbre na capa de outras obras editadas pela mesma



editora, sem outra relação possível entre elas².

Na contracapa do livro foi impressa uma lista de obras publicadas pela editora.

O livro em papel tem um total de 100 páginas, cujo preenchimento por texto obedece a regras relativamente simples. De facto, o princípio fundamental é começar texto novo em página ímpar, o que implica, frequentes vezes, deixar páginas em branco. É também regra da organização do livro a inserção de folhas com a função de separadores, onde apenas se imprimiu, no recto, uma linha cujo conteúdo diz respeito ao conjunto de textos que se segue. É o caso da dedicatória ao pai (“A’ MEMORIA DE MEU PAE”, p.5), da epígrafe (“*Non nova, sed nove.*”, p. 11), do conjunto de títulos que agrupam os

² Por exemplo: Mantua, Bento; *Novo Altar: Um Acto em Verso*; Má Sina: *Peça em Três Actos*, Lisboa; Castro, Cacilda de; *Merlim e Veviana: Acto em Verso*, Lisboa; Oliveira, António Corrêa d’; *Auto das Quatro Estações*, Lisboa.

poemas em três conjuntos genológicos: “CANÇÕES” (p. 35), “AS DANÇAS POPULARES” (p. 55), “SONETOS” (p.65) e, por fim, do “ÍNDICE” (p. 97)³.

Antes das canções, foi reunido um primeiro conjunto de poemas que, sendo misto do ponto de vista do género (foram incluídas por exemplo uma “Ballada” e duas “Elegias”), não recebe título de conjunto.

Entre a dedicatória ao pai (p. 5) e a epígrafe (p. 11), foi impresso, entre a p. 7 e a p. 9 um poema que se distingue dos outros por ter sido impresso em itálico e por não ter título. O índice, e apenas o índice, chama-lhe “Dedicatória”. Não há, no entanto, relação

³ Acreditamos que este separador não estaria no planeamento original da estrutura da obra. Os indícios são vários: a) o número de página que lhe é atribuído repete-se, na página inicial do índice do livro, duas páginas à frente; b) o título (“Índice”) também se repete, no início do próprio índice c) o tipo de letra é diferente do usado nos outros separadores.

entre este poema e a dedicatória à memória do pai. De facto, o poema assenta, em grande parte, na repetição da sintaxe própria de uma dedicatória: “A’ jeunesse dorée da Capital [...] A’ multidão vadia das esquinas [...] Ao comensal das mezas dos hotéis [...] A’ Lisboa estrangeira [...] Eu dedico este livro [...]”.

A numeração das páginas (sublinhada por um filete de cerca de dois centímetros) ocorre na margem superior, à esquerda, nas páginas pares, e à direita, nas ímpares. Nem as páginas em branco, nem os separadores, nem as páginas onde começam os poemas foram numerados.

À excepção do primeiro poema, que como já se explicou não tem título, o início dos poemas distingue-se pelo título (tipo de letra maior), por vezes por uma dedicatória (ou a

indicação “(*Copia do natural*)” e por uma ocupação da página que deixa uma margem superior maior. Dois filetes marcam o fim dos poemas que deixam ainda espaço livre na página.

De 16 em 16 páginas, foi impresso, no rodapé da página, o título da obra em maiúsculas (à esquerda) e em tamanho reduzido, ao qual se acrescentou uma numeração crescente (encostada à direita). Duas páginas à frente (excepto em separadores de capítulos), foi apenas impresso no lugar da referida numeração um asterisco⁵. Estas ocorrências dão-se de 16 em 16 páginas, encontrando-se a primeira ocorrência na p. 17 (“AMORES NOVOS 2”). Estas indicações relacionam-se com a constituição e

⁵ O primeiro ocorre na p.19 . O da p. 51 não foi impresso.

sequência de cadernos⁶ e teriam a função de assegurar uma ordenação correcta dos mesmos.

No exemplar da edição em papel que transcrevemos, guardado, como já dissemos, num volume miscelâneo na Biblioteca Nacional, foram coladas, por cima dos rebordos da capa, quatro tiras de papel mais espesso e de outra cor, com uma largura de cerca 2 cm, cujo objectivo terá sido impedir que a capa se deteriorasse. É na tira colada sobre o rebordo superior que se pode ler a cota manuscrita a tinta permanente: L. 25870¹², correspondendo esta cota ao antigo método de catalogar da BN.

⁶ Um fólio dobrado três vezes.

Na folha de rosto, onde foi reproduzida a capa, usaram-se vários carimbos: um indicador da propriedade da Biblioteca Nacional, um provável indicador da forma de ingresso do livro na biblioteca (“OFERTA”) e, finalmente, um numérico, a que se juntaram duas letras manuscritas, correspondentes talvez à cota do exemplar, antes de ser integrado no volume miscelâneo.

Normas de transcrição

A presente edição apresenta-se em tamanho A5, a fim de facilitar a leitura no monitor. A edição reproduz o texto tal como se encontra na primeira e única edição em papel, não tendo sido feita nenhuma actualização ou alteração ortográfica. Havendo uma divergência entre o título do poema “Cinzas⁷ dos lares” (p.79) e o correspondente no índice, optou-se pela lição deste, sobretudo porque, no poema, a única ocorrência da palavra é no plural.

Foi criada uma capa para o livrónico, que nada tem a ver com a capa do livro em papel. Desta é dada uma imagem, que nos dispensou de uma descrição mais pormenorizada. Foi também elaborado um índice para a presente edição, ao qual se

⁷ na p.79 “Cinza dos lares”, no índice “Cinzas dos lares”.

acrescentaram as hiperligações (a azul) indispensáveis. Este índice dá, pois, ligação automática a cada secção e poema do livrónico, cuja última palavra se encontra também, por comodidade, hiperligada ao índice.

A numeração das páginas da presente edição não corresponde à numeração da edição em papel, devido à eliminação de páginas em branco. Também não foi reproduzida aqui a linha de caracteres relativa aos cadernos e respectiva sequência.

O índice do livro foi integralmente transcrito, pois contém informação que não se encontra no livro (p. ex. o título do primeiro poema), além de conter informação eventualmente útil sobre a estrutura e organização da edição em papel.

Os erros indicados na errata foram corrigidos (sem indicação) e a errata foi dispensada. Foi igualmente dispensada a transcrição da contracapa, onde se encontra apenas uma lista de obras publicadas pela editora.

Conservámos, na medida do possível, a mancha gráfica do livro em papel, pelo que o texto contido numa página do livro em papel é exactamente o mesmo texto contido numa página do livrónico.

Mantivemos a relação de tamanhos nos títulos e no restante texto, bem como nos espaçamentos. Optámos, no entanto, pela fonte Arial (tamanho 12) para o corpo do texto (nota editorial e poemas). Reproduzimos os itálicos e negritos, tal como ocorrem na edição em papel, e todos os filetes, à excepção dos que sublinham o número de página.

Eliminámos o espaço que separa os sinais de pontuação da palavra precedente.

Com o objectivo de proporcionar ao leitor do livrónico uma leitura mais apoiada, os versos foram numerados (de cinco em cinco), o que não se verifica na edição em papel.

HENRIQUE TRINDADE COELHO

AMORES NOVOS

VERSOS



1911

CERNADAS & C.^a — LIVRARIA EDITORA

190 — Rua. Atreia — 192

LISBOA

Fac-símile da capa

HENRIQUE TRINDADE COELHO

AMORES NOVOS

VERSOS

VIGOR · ET · LABOR

1911
CERNADAS & C.^a – LIVRARIA EDITORA
190 – Rua Aurea – 192
LISBOA

AMORES NOVOS

TYP. DA EMP. LITTER. E TYPOGRAPHICA
◊ (Officinas movidas a electricidade) ◊
Rua de D. Pedro, 178 a 184 ◊ PORTO

DO MESMO AUCTOR

CARVÕES, versos, 1907.

HENRIQUE TRINDADE COELHO

AMORES NOVOS

VERSOS

VIGOR · ET · LABOR

1911
CERNADAS & C.^a – LIVRARIA EDITORA
190 – *Rua Aurea* – 192
LISBOA

A' MEMORIA DE MEU PAE

*A' jeunesse dorée da Capital
Traduzida, em calão, de mau francês,
Filha do adultério oficial
Em quartos d'aluguer e em cotês;*

5. *A' multidão vadia das esquinas,
De collarinhos altos, trinta e seis,
Que apenas sabe perseguir meninas
E olhar as varandas dos hotéis;*

10. *A essa raça amorpha, descendente
De lacaios, beatas e toureiros
Que passa a vida a rir de toda a gente
E, nas hortas, delira entre cocheiros;*

15. *A's donzellas do chic e dos tacões
Petulantes, batendo nas calçadas,
Que causam calafrios, sensações,
E desejos de carnes esmagadas;*

*A's damas que circulam nos passeios
Ou ao steppado trote dos cavallos
E que escreveram no à jour dos seios:*
20. *«Melhor é 'sp'rimentá-los que julgá-los»;*

*Ao comensal das mezas dos hoteis
Que adora Sancho e odeia D. Quixote;
Obediente ao estado, ás suas leis,
E ás Lólas, nos sabbados á noute;*

25. *Aos loiros e cintados pequenotes
Que batem de tipoia por Lisboa,
Com as unhas brunidas das cocottes
E amizades por ephebos de c'rôa;*

A algumas senhoras elegantes
30. *Citadas no high-life dos jornaes,
Com a modista paga p'los amantes
Quando estes lhes não pagam tudo o mais;*

*Ao grande meio ignobil e pelintra
Com um falso verniz d'aristocrata*
35 *Que mal chegam as vespas de Cintra
Recorre á joia, ao Monte-pio, á prata;*

- A' confusa camada de janotas,
Damasos filhos, que andam por ahi
No faro de romances idiotas*
40. *E da carne importada de Madrid;*
- A' Cidade do Vicio e da Fallencia,
Comparsa da revista pornographica,
Fiel resumo d'uma consciencia
Tão nacional como a do preto em Africa;*
45. *A' Lisboa estrangeira, onde acabaram
Amor da terra, exemplos do passado,
E em que a familia, o lar, se abastardaram
Formando um estado dentro d'outro estado:*
- Eu dedico este livro, todo feito*
50. *D'essa ternura vaga, adormecida,
Que um dia bateu azas no meu peito
E me voltou os olhos para a vida!*
- E tudo isto que eu agora sinto
Ao regressar ao povo e á verdade,*
55. *Traz-me á memoria o dia em que Jacintho
Se despediu, na Serra, da [Cidade](#)...*

Non nova, sed nove.

A Cruz

A ALFREDO DA CUNHA

Entre uma velha herdade abandonada
E uma casa de campo adormecida,
Alguem cravou, abençoando a estrada,
Uma cruz que parece embevecida.

5. Sobre o socalco, mal se póde ler
O que esse alguém 'sculpiu por sua mão:
«Outr'ora a erigiu certa mulher
A quem aqui mataram seu irmão».

10. De sol a sol, enquanto mãos piedosas
E lentas se alevantam p'ra o Signal,
Há gemidos de pombas lacrimosas
Arrulhando baixinho, n'um pombal.

Campos em volta, dormem, soalheiros,
Sob a luz forte, em curvas scismadoras,
15. Com gorgulejos d'aguas de ribeiros
E a honesta fadiga d'umas noras.

A cruz, braços abertos ao ethereo,
Ao socego das coisas e do ar
E' como a sombra grave d'um mysterio
20. Que as pombas não se cançam de chorar.

Reside nella a longa paz dos seres.
Não lucta, não caminha, não germina.
Romeiro: dize tu, quando me leres,
Se já não lhe invejaste a sua sina!

25. Vê-a: embebeu-se no eterno somno.
Olha-a: as suas faces são eguaes.
Nunca chorou as maguas do Outomno
Nem o vento a uivar pelos pinhaes!

Seivas da terra que dispersam, morrem,
30. Odios sem treguas entre os homens, são
Como as gottas da chuva, quando escorrem
P'lo seu corpo, uma a uma, até ao chão.

Vós que apenas daes alma ás violetas
Só vêdes coração onde elle existe,
35. Vós, não sabeis o que ha, nas linhas rectas,
De resignado e commovido e triste!

Cruz alva que encaminhas os meus passos
E os de todos quantos vão perdidos:
Se a tempestade te partir os braços
40. Tu tens aqui os meus, já estendidos!

Bem dita seja pois tua tristêsa,
Teu ar, que é o d'um cego para a luz,
Embora não possuas a bellêsa
D'aquillo que floresce e que produz.
45. Mas dás-me extranhas sensações absortas
E uma visão do mundo dolorida!

E' quasi sempre ao pé das coisas mortas
Que nos lembramos mais do que é a [vida](#)!

Ballada dos chocalhos

A JOSÉ PESSANHA

- Pobres chocalhos despedaçados,
Almas de rastros, guias dos gados
Que vão trotando pelos caminhos:
Roucos badalos que chocalhaes
5. Avé Marias, quando os pinhaes
Todos se tomam da paz dos ninhos:

- Vindes de longe, do vosso dia,
N'uma apagada melancolia
De som longinquo, o mesmo, um só...
10. E como haviéis vós de tocar,
Pobres chocalhos a chocalhar,
Labios em circ'lo, beijando o pó?

- Ai! quantas vezes, quando a tardinha
E' como a aza d'uma andorinha,
15. Ponta no valle, ponta na serra,
E no silencio da oliveira
Por fim repousa toda a canceira
Do som, da aragem, da luz, da terra,
- O trote rapido das ovelhas
20. Traz á memoria lembranças velhas
E já desfeitas, como os chocalhos!...
São contos idos, da mocidade,
Enovelados na tempestade
Que levou folhas e deixou galhos!
25. Quando os rebanhos tangem, na estrada,
Compondo o rhythmo d'uma ballada
Que vae perder-se p'ra lá, nos montes,
Choram as rolas mais de mansinho
E mais baixinho, devagarinho,
30. Cantam nas sombras, glu, glu, as fontes...
- Olha-se em volta: tudo embebido,
Tudo diaphano, adormecido...
O azul, ao alto, que desmaiado!

35. Cerram-se os olhos! Ficam chorando,
Como os chocalhos que vão soando
N'um som distante, quasi apagado!

Quasi apagado... Quasi... Apagou-se...
No céu, um astro luziu, fixou-se.
Não bole folha. E no emtanto
40. Inda se julga ouvir no ar
O som humilde do chocalhar
Como uma sombra desfeita em pranto!...

Pobres chocalhos que assim passaes,
Vossa garganta cheinha d'ais
45. N'uma serena resignação:
Pobres ceguinhos que tudo vêdes,
Que tendes labios e soffreis sêdes
E lá puzestes o coração:

Foi Deus, decerto, quem vos creou
50. Corpos de rastros, tocando o pó,
Almas de bruços e vozes roucas
P'rá naturêsa, prenhes de maguas,
Poder chorá-las nas suas aguas
E soluçá-las nas vossas boccas!

Lume apagado

(Copia do natural)

'Stava um velhinho sentado,
Soprando brazas ao folle,
Todo branquinho e asseiado,
Sem se importar com o sol

5. Que fazia
 Naquelle dia.

Eis que passa outro velhinho
Chupadinho e amarello,
Que parou no seu caminho

10. E assim fallou, ao vê-lo:
 – Deixa o que fazes
 P'ra os teus rapazes!

O velho, sem se importar,
Continuou a soprar.

15. – Sim senhor! Não ha que ver!
A tua velha o que faz?
Reprehende uma mulher.
– Talvez que enquanto ahi estás
Ou ande em festa,
20. Ou durma a sesta!

O velho, sem se importar,
Continuou a soprar...

- Nem quero crêr no que olho!
Exclama um rico avaro.
25. Por isso eu afeiro
E com pouco me sustento!
Annos entrados,
Mas descansados!

- O velho, sem se importar,
30. Continuou a soprar...

Passa a cavallo o abbade:
– Ó velho! Ó alma perdida!
Tu não vês que a caridade,
É, christãmente entendida,

35. Primeiro nós
 E depois vós?

O velho, sem se importar,
Continuou a soprar...

Vae para a escola um menino.
40. – Olha, olha!... Ó tio: deixas
 Fazer um folle pequenino,
 Assim, co'as minhas bochechas?
 Logo, verás
 Que inda ahi estás!

45. O velho, sem se importar,
 Continuou a soprar...

Nisto á janella assomando,
Um rapaz olha, pasmado,

Ao ver o velho soprando
50. Cinzas de lume apagado.
– Coitadinho
Do ceguinho!

Mas para o não desgostar,
Deixou-o continuar

55. E disse-lhe: – eu cá, por mim,
Dava-lhe ahi uma ajuda,
Mas com trabalho no fim
De pouco lhe iria a muda.
Tem mãos capazes
60. Como os rapazes!

O velho poz-se a escutar
Quem lhe vinha assim fallar...

E erguendo então os parados,
Os cegos olhos ao sol,
65. Os dedos mais aferrados
A's duas azas do folle

– Já pouco póde faltar-me.
Respondeu. E mais baixinho:
– Que amigos a gente tem!

70. Todos vieram fallar-me,
Tudo parou seu caminho

E só este fallou bem!

Elegia das candeias

A FERNANDO EMYGDIO DA SILVA

Ó candeias de azeite, humildes, calmas,
De saudoso e lembrado alumiar,
Almas de luz tocando as outras almas,
E lar da chamma dentro d'outro lar;

5. Azas quietas, azas resignadas
Que partistes um dia e não voltaes,
E abertas daveis luz de tres pol'gadas
P'ra deixardes na sombra tudo o mais;

- Sopro de vida em nichos e recantos
10. E nas boccas da noite, p'los caminhos,
Ponto fixo dos claustros e dos santos,
Das meninas dos olhos dos velhinhos;

Candeias de luz triste e penitente,
Livida e fixa como a luz das brazas,
15. Accêsas quando a noite, mansamente,
Pouco a pouco apagava as nossas casas;

Companheiras dos frades e dos sabios,
Dos caminhantes através da serra,
Das preces distilladas pelos labios
20. E das canções das mães da nossa terra;

O' guias do Morgado e das Senhoras
Que tinham vindo á villa seroar
E recolhiam tarde e a más horas
Por caminhos escuros, ao solar;
25. O' tremuras em mãos d'afflictos nervos,
Quando havia doentes, e ao portão
Esperaveis o medico, que ao ver-vos,
Extremunhado, resmungava: então?

Assopradas candeias portugêsas
30. Pela bocca dos annos: onde estaes?,
Que vos não trazem para as nossas mezas
E ha tanto tempo as não alumiaes?

Grades desertas, hoje enferrujadas,
Sem uma luz humilde p'ra coar:
35. Sois as pupillas mudas e cerradas
D'uns olhos que não podem já chorar!

Ao pó, agora, recordaes ao menos
Que num passado de melancolia,
Alumiastes corações serenos
40. E fostes como elles, algum dia!

Pobres velhinhas, todas recolhidas
Na memoria das coisas que passaram:
Quem sabe se de palpebras cahidas
Abençoaes as mãos que vos cegaram!?

45. Mas no emtanto, nessa grande leva
Dos condemnados ao eterno somno,
Inda brilhaes: entrou-vos dentro a treva
Que é a serena luz do abandono!

Lares da chamma! Almas de luz serena
50. Que nunca houve outra mais fiel:
Suspendi-vos na magua d'esta penna
Que lançou treze quadras ao [papel](#).

Elegia da Varanda Portuguesa

A ALBERTO OSORIO DE CASTRO

O LINHO

Minha amiga do passado,
Tivemos ambos mau fim!
Fui em ti espadelado
E hoje não sabes de mim!

OS CEREAE

5. O' mãe: leva-nos contigo
Não nos deixes aqui estar!
Que é do nosso berço antigo
Que qu'remos p'ra lá voltar?

A TERRA

- Neste celleiro gelado
10. Até as mãos se arripiam!
Que é do leite conchegado
Onde os meus filhos dormiam?

DOIS MANGERICOS

- Bemditas sejam as mãos
Que comnosco te enfeitaram,
15. Boa irmã d'estes irmãos
Que, longe de ti, murcharam!

A VIDE

- Sombra d'antigos abraços,
Com que tristeza me olhas!
Já te não lanço os meus braços
20. Nem te engrinaldo de folhas!...

UM CRAVO ROXO

Em ti me abrigou Maria
Por João, seu pensamento.
...Era p'ra ver se eu seria
Um signal de casamento...

O ROUXINOL

25. Ó resguardo do bragal,
Arca santa das alfaias
E tribuna accidental
D'onde fallava ás olaias!

O TERÇO

30. Ai! passava todo o anno
A ver se te excommungavam,
Meu adrosinho profano
Onde as mulheres me rezavam...

O POVO

35. A' tua sombra nasci,
Te quiz como a uma filha.
Foi talvez a olhar p'ra ti
Que inventei a redondilha.

A VARANDA

- Resguardo da velha casa
Em conchego e amor accesa,

Morri co'a ultima braza
40. Da lareira [portuguêsa](#).

CANÇÕES

Canção do Pó

O HOMEM

Que meu amigo tu és
Ao pé dos outros tão falsos!
Pois dás-me beijos nos pés
Inda que os traga descalços!

A FLÔR

5. Se me tiras o alento
A côr, o viço, é que emfim
Foste assoprado p'lo vento
Que te elevou até mim.

A ESTRADA

- Eu não sei quem te produz
10. E onde o teu espírito erra.
Mas tocas-me: e fico, á luz,
A via-lactea da terra.

O MENINO

- Se vê a carteira baça,
Conhece-te logo bem
15. Este dedinho, que traça
O nome da minha mãe.

DUAS AMORAS

- Ai! somos outras, apenas
Mal tu vens poisar em nós.
E' por isso que as morenas
20. Põem sempre pó d'arroz...

O SOL

Concentro o halito. E logo
Na febre da estiagem,
Ficas a cinza do fogo
Que incendiou a paisagem.

MARTE

25. Entre nós, onde me vês,
Nenhuma diff'rença acho:
Sou um grão do que tu és
N'esses caminhos, lá baixo.

A GOTTA D'ÁGUA

- A esmola que Deus me cede
30. Para te dar, é bem pouca,
Pois p'ra te matar a sêde
Ponho-te lama na bocca!

O ESPAÇO

- Se tu, na planície franca
Te acamas socegadinho,
35. Digo: – olha a farinha branca
Do meu immenso moinho!

O SINO

- E's a alma que levanta
O vôo e não volta mais,
Quando me vens á garganta
40. E estou dobrando a signaes.

UMA CABRA

Se do pastor me perdi
E o pastor me quer achar
Basta que elle olhe para ti:
Tu pões-te logo a apontar.

TRES FIOS TELEGRAFICOS

45. Resumes, para nós, servos
Da ventura e da desgraça,
Tensões inúteis de nervos
Quando o verbo humano passa.

DEUS

- A nossa una existencia
50. Quem ha que a possa entender?

O PÓ

Pois como tu, em essencia
Tudo sou – sem nada [ser](#)!

Canção do caruncho

A AFONSO LOPES VIEIRA

Sentado nesta cadeira
Reliquia d'uma capella,
Olho a mobília estrangeira
E não me entendo com ella!

5. Mesmo a de boa memoria,
Portuguêsa velha, sinto
Que também passou á história
Como o senhor D. João V.

10. Elle era a cama do frade
De madeira do Brazil.
Onde eu, á minha vontade,
Cerzia renda subtil;

Elle eram bellas cadeiras,
Arcas d'aldravas e cintas,
15. Graves, nas boas maneiras
Das fidalguias extinctas.

E o grande leito da Madre
Rico, de largo docel,
Com seus catharros de padre
20. Abafadinhos em mel?

Tudo morreu, acabou!
Até a graça de Deus,
Pois passo os dias ao pó
Em bric-á-bracs – judeus!

25. Meu Portugal da Conquista,
Da caixinha de rapé:
Morremos ambos á vista
Dos catálogos Gardé!

Porque ao movel de pau santo,
30. Conventual, português,
Deu-lhe, ha annos, o quebranto
E despediu-se de vez.

- Quando chegou a Luiza,
(Luiz XIII a XVI)
35. Uma mobilia em camisa
Nos aposentos dos reis,
- Que fallava em reverencias
E medidas de gavótas
E contava as indecencias
40. De archidukuêsas garotas,
- Começou a qu'rer-me mal
E a achar-me um ar de capella!
Foi desde então que afinal
Me começou a mazélla.
45. Outr'ora, considerado
Por clero, nobrêza e povo,
Encontro-me hoje de lado,
Maldizendo o sangue novo!
50. O meu trabalho não medra
Nem percebe este verniz
Que duro como uma pedra,
Trezanda, puh! – a Paris!

- Assim eu, um patriota,
'Stou reduzido hoje em dia
55. A coisas d'Aljubarrota
No museu d'Artilharia,
- E a quatro moveis partidos,
Indignos de figurar,
Lembrando seculos idos
60. No sótão d'algun solar!

O meu trabalho era doce
E a minha renda subtil.
Tão leve, como se fosse
Toda feitinha a buril.

65. Mal poisava, debuxava
Quanto imaginava e qu'ria.
Depois olhava, ligava,
E em silencio, cerzia.

70. Em silencio...E tanto assim
Que nunca alterei posponto:
Sempre que davam por mim
Já tinha o trabalho prompto.

O' mobilia portugêsa
O' meu tear de saudades:
75. Onde quer que estejas, reza
Para que voltem os frades!

E com os frades, os reis
E com os reis, os mosteiros!
Eu não entendo estas leis
80. Nem me dou com estrangeiros!

.....

Rei, fidalgo, frade, freira
Todos tinham carunchice

Não era eu, p'rá madeira,
85. Como a gota p'rá **velhice**?

Canção do degredado

A HUMBERTO LALLEMANT

Levaram-no p'ró navio,
P'ra uma cella de grades
D'onde mal vê o ceu baço.
Quasi fica á flor do rio...

5. E o pobre (terá saudades?)
Agita de lá o braço!

- Veio dos ferros d'El-Rei.
E num processo summario
Com delegado e juiz,
10. Fallou-se, applicou-se a lei
Que lhe deu destino vário
P'rás possessões do paiz.

15. – Deus te guie! Até á vinda!
 Leve-te ao peito Jesus!,
 Chora, no caes, cada abraço!
 Só o degredado, ainda
 Por entre as grades em cruz
 Agita, de lá, o braço!

20. Fôra a parte de vadio.
 Não tinha eira nem beira
 Nem emprego official.
 Prendeu-o a policia, ao frio,
 Como a um cão com lazeira,
 Tiritando num portal.

25. No caes o adeus não finda!
 – Filho! vae em boa estrellá!
 – Irmão! Deus te guie o passo!
 Só o degredado, ainda
 Por entre as grades da cella
30. Agita, de lá, o braço!

 Para tamanho castigo,
 Fôra o seu crime afinal
 Não ter lareira nem pão,

- Pensava o pobre consigo.
35. Ai! o Codigo Penal
Que o atirára ao porão!
- Cala um velho a magua infinda!
– Então? Não vaes para o desterro,
Amparo do meu cansaço!
40. Só o degredado, ainda
Por entre as grades de ferro
Agita, de lá, o braço!
- Olhava, da jaula, o caes
E os felizes que abalavam
45. Podendo acenar a alguém...
Eram diff'rentes, os mais!
E os seus olhos choravam
Por lá não verem ninguém!
- Em terra, uma noiva, alinda
50. A gravatinha singela
Do noivo, e refaz-lhe o laço.
Só o degredado, ainda
Por entre as grades da cella
Agita, de lá, o braço!

55.

Agora, ao longe, apagado
Nesse navio, uma estrella
Na immensidade do espaço,
Só ainda o degredado

60. Por entre as grades da cella

Agita, de lá, o **braço**!...

Canção do povo

O IMPOSTO

Não te deixo terra, lar,
Nem tão pouco pé de meia.
Sou como a água do mar
Quando está em maré cheia!

O PROPRIETARIO

5. Cava a terra, dá-me pão,
Embora só eu o coma.
Sempre amei a escravidão
E a velha história de Roma.

O ELEITOR

- Meu carneirinho lanzudo
10. Quando te levo a votar:
Prometto-te leis e tudo
Mas depois... fumo no ar!...

O DEPUTADO

- Nasço de contradicções
Que não explico nem méço:
15. Sou das tuas relações
– Mas nem sequer te conheço!...

A AUCTORIDADE

- Eu trato-te como, enfim,
Um pae trata um filho prodigo.
Não sei ler. Mas para mim
20. E's como a lettra do Codigo.

O JUIZ

Nós a estudarmos aqui
Leis que nem sabes que tens
Quando bastavam, p'ra ti,
As posturas sobre os cães!

O CODIGO PENAL

25. Q'rendo que tenhas bom nome
Começo a zelar-te cedo:
Se és menor, mato-te á fome,
Se és maior, vaes p'ra o degredo.

O PADRE

30. Dou-te um bipartido Deus
Que em tudo reside e erra:
O papal, pomba dos ceus,
O christão, sapo da terra.

A USURA

35. Não te peço, afflicto rosto,
Que me venhas procurar.
Mas vens: e correr por gosto
Não deve, acho eu, cançar...

O GOVERNO

40. Nem alphabeto nem escola!
Quero-te assim, na cegueira.
Jesus! que ideia tão tola
Que teve o Conde Ferreira!

O ALPHABETO

Ai! pobre de mim! quem ha-de
Tirar-me d'esta prisão?!
Sou como o preso na grade
Dizendo-te adeus, co'a mão!

O POVO

45. «Tudo o que ha triste na terra
Tomára que fosse meu:
Para ver se tudo junto
Era mais triste do que eu!»

AS DANÇAS POPULARES

O vira

– Já temos a gente toda,
Cantador. E' começares.
Oscilla, move-se em roda
A longa fila dos pares.

5. Maneis, Marias, á moda
Do Minho, nos seus trajares,
Mostram que sabem da poda
E dão força aos calcanhares.

10. As cabeceiras e os lados
Cruzam-se agora alternados
Fazendo tremer o chão.

E a voz continúa: – vira!
Emquanto, tira-que-tira,
Ri, já tonto, o violão!

O regadinho

– Vá! Essa roda que siga
P’ra o alecrim não seccar.
Tu, rapaz, tu, rapariga,
Dae as mãos para dançar.

5. Todo o circulo se liga
Braço a braço. E ao desligar
Como lá diz a cantiga
– Vira par e troca par!

10. E' mexer, é fazer pó!
Se o Regadinho seccou
Senefica amor perdido!

Mas achá-lo-hia o moço
Cuja voz vibra: «eu não posso
Tirar de ti o **sentido!**»

A ciranda

A Ciranda, dançadeira,
Mais dançadeira que as mais,
Igual á velha peneira
De joeirar cereaes,

5. Moe os corações na eira
Em meias voltas eguaes,
E se dá a volta inteira
Vae nos compassos finaes.

- São dezeseis, os compassos.
10. Trocam-se pares, dão-se os braços
E ha um improvisador.

As moças cheiram a linho.
«'Stão ao pé do seu bemzinho,
Não ha regalo maior!»

O malhão

Quando chora, o coração
Põe-se cá dentro a saltar!
É como o triste Malhão
Que só se dança a pular.

5. E n'esta contradicção
Veem-se em fila formar
Os pares, batendo o chão
Para o compasso marcar.

10. Tu choras, Malhão, mas danças!
Tens a alma das creanças
N'um corpo de português!

Que admira pois, pae do fado,
Que tu estejas virado
«Co'a cabeça para os pés?»

SONETOS

Poesia dos caminhos

A MADEMOISELLE LOUISE EY

Ora olhem p'rá fita das estradas
Que vão do norte ao sul de Portugal
E confessem as almas delicadas
Que nunca viram maravilha igual!

5. Cumes de monte, encostas escarpadas,
Scismas no olivedo e no pinhal,
Relvas humidas, aguas socegadas
Correndo, á naturêsa, até ao valle.

10. Scepticismos de ortigas, humildades
De piteiras, extremas das herdades,
Tudo o que a paz das coisas repassou...

Ó ingenua bondade dos caminhos:
Até o vento, p'ra te erguer aos ninhos,
Ha-de primeiro desfazer-te em pó!

A ultima volta

Foi na tranquilla paz do meio dia
Que além, n'aquella nóra soluçante,
O macho se quedou n'uma agonia
Que o fez tombar de patas p'ra deante.

5. 'Stava alagado n'uma espuma fria
E tinha o peitoral resfolegante.
– Que raio! Então a nora já não chia?
Pensou em casa o guarda vigilante.

10. Paz profunda. Alongada, a perspectiva
Suffocava na crúa chamma viva
D'um sol d'agosto, ardente, abrazador.

– Eh! diabo! que partes a braçada!
Corre o guarda. E tirando a cabeçada:
– Então não foi morrer este **estupôr**?

Madrugada

O gallo, inda dormiam as viellas,
Como um frade na cella ou um guerreiro,
Retezou o pescoço e as guelas
E tres vezes cantou sobre o poleiro.

5. As gallinhas mexeram-se. E uma d'ellas,
Extranhando a manhã do companheiro,
Foi espreitar o ceu. Mas vendo estrellas
De novo se aquietou no gallinheiro.

- Que seria? E voltava a dormir
10. Quando ouviu bater sócos e gritar:
– Que se avie! Está para nascer!

O gallo olhou a femea. Mas calada
Ella pensava n'essa madrugada
Que vinha, ha nove mezes, a [romper](#)...

O correio rural

Tem a senhora Mestra, anciosa, a aldeia
A' sua volta, para lhe ouvir ler
A' indecisa luz d'uma candeia
Erguida por um braço de mulher

5. Toda a longinqua e lugubre epopeia
D'essas cartas de linhas a tremer,
Umas, aonde a esp'rança ainda aneia,
Outras, em que ella está para morrer!

- Leu-as todas. Depois, ficou olhando.
10. Mas esse negro, eterno e triste bando,
Fixava alguém, 'smagado, a murmurar!

Era uma orphã pequenina, a victima:
Uma creança tragico-maritima
Que cahira de bruços, a [chorar](#)!

Velha fabula

Dois rebanhos, em fins do mês de maio,
Trotam por uma estrada, ao sol poente.
Ha no ar azul pallido o desmaio
Da vida que recolhe lentamente.

5. Diz um pastor parando: – grande raio!
Tivemos hoje agosto talqualmente.
Volve o segundo: – talvez seja ensaio
De v’rão que entre a rir-se já da gente.

10. Só o rebanho não se importa. Esse,
Pasta e barriga ao ar. Até parece
Que o lume, para elle, é de candeia.

Responde o outro: – então? são coisas velhas.
Não bebe o sol nas tetas das ovelhas
O leite com que cria a lua cheia?

Gottas d'agua

Um fio d'agua cahe no tanque e chora,
E soluça baixinho, sob estrellas,
Com gottas hesitantes, na demora,
Espaços gottejantes, entre ellas.

5. Gelam rosas ao frio que as descóra.
Ao fundo, a lua, um rio, brancas vélas.
E na paisagem recolhida, a Hora
Tem a mystica paz de antigas cellas.

10. A agua canta, contínua, breve,
Glú-glú, glú-glú, n'um fio todo neve,
Timido, humilde, vigilante e fino...

E a agua chora! E julgo ouvir Alguem...
Talvez, quem sabe? a voz da minha mãe
Quando embalava, outr'ora, o seu [menino](#)!

Cinzas dos lares

Boa avósinha, doce companheira
Do meu perdido e conchegado lar
Que tiravas a luz d'uma oliveira
E vestias teus filhos do tear:

5. Voltasses tu, humilde tecedeira,
Que teus olhos haviam de chorar!
Apagaram-se as cinzas da lareira
E se quiz linho, tive de o comprar.

10. Já não ha pão da tulha, agua da fonte,
Lenha arrancada ás arvores do monte
Nem colheitas caseiras, nos seus mezes.

Agasalho? Conforto? Vêm de fóra!
Ai! enganavas-te, avósinha: agora
E' que isto tudo é *roupa de* *francêses*...

Troncos nús

Pobres e tristes arvores podadas
Que da minha janella vi crescer
E ha mais de tres horas, mutiladas,
Que já não tendes braços para erguer:

5. A elles, quantas azas, assustadas
Não vieram outr'ora lá bater!
Almas d'aves, á luz das madrugadas,
Os adeus dos Sóes-Postos, a morrer!

10. O' troncos nús, castrados e de rastros,
Para que a vossa seiva enrije e abunde,
Venha mais forte que da outra vez:

Que ainda vos ergaes até aos astros
E a terra novamente vos fecunde
No seu ventre de eterna [gravidez](#)!

Inverno agreste

Ora a vizinha não se fez esp'rar.
E todas tres, á roda da lareira,
Principiaram, lentas, a fiar
Emquanto fóra uivava a inverneira.

5. Lembra a mais velha: – olha o que irá no mar!
Hoje é que a morte é uma nau veleira!
N'isto os fusos pararam de girar
Entre os dedos de cada tecedeira.

10. Choravam. E os seus olhos, por instantes,
Evocaram, suspensos e cerrados,
A praia, um lar, um berço, uma viuva!

Bemditos sejaes vós, ó navegantes,
Que ainda sois lembrados e chorados
Nas lagrimas dos velhos e da [chuva](#)!

O olhar de Deus

Por entre os vagos ramos d'um juncal
Uma orbita d'agua esverdeada
Olha, immovel, o vôo ascensional
D'uma rôla de cauda acinzentada.

5. Cada arranco é tão lento e tão igual
Na aragem transparente e socegada
Que nunca deu talvez passeio igual
Na sua eterna vida de assustada.

- Um tiro. Um rodopio inconsciente.
10. Agua ondulando. O pantano, por fim,
Fica outra vez extatico e profundo.

Orbita verde, muda, indiferente,
Turva e immove: deve ser assim
O olhar que Deus fixa sobre o [mundo](#)!



Velha amiga

A boa companheira recolhida
De cinco longos annos já passados,
Que tinha uma existencia commovida
E trazia estes olhos encantados,

5. Lembra agora, na minha despedida,
E na paz dos seus ramos socegados
Que acabou, afinal, a sua vida
De nostalgicos sonhos perfumados!

10. Dedicára-se a mim, ás minhas horas,
Extranhava as ausencias, as demoras,
E se eu estava doente, que afflicção!

Amiga! adeus! A sorte está traçada!
Talvez seja essa sombra amargurada
Que os teus ramos projectam pelo [chão](#)!

Saudade

O cego, um tocador de violão
Conhecido do alto ao baixo Minho
Que vinha a Coimbra pelo S. João
Todo arrimado ao hombro do netinho,

5. Procurou um senhor cirurgião.
E tanto em graça andou o seu caminho,
Que depois de fazer operação
Já se mettia a esmolar sósinho.

10. Morreu-lhe o neto. E houve quem 'stranhasse
Que o velho novamente tateasse,
Mão estendida, á clara luz do dia.

Mas alguém disse que elle fallára assim:
– Deus me perdõe: eu penso que isto em mim
São saudades do tempo em que não [via](#)!

Lei do mundo

Vão tres rapazes para a sua escola
Por um sol de asphixia, abrazador,
Com os livros mettidos na sacóla
E as testas pingando de suor.

5. E' longe a villa. Nem pardal, nem rôla,
Nem um arbusto, bolem, em redor.
N'isto passa na estrada a carriola
Com os tres filhos do senhor doutor.

10. São camaradas. Ficam-na a olhar
Suffocados de pó e a pensar
O' pae dos ceus! como este mundo é!

Mas tu lá sabes, que o fizeste assim!
Cá n'esta vida e para o mesmo fim,
Uns vão de carro e outros – vão a pé!

O nicho

Meio occulto na curva d'uma estrada
Tem o seu nicho um santo popular
Que viveu uma vida socegada
Como a vida da lua sobre o mar.

5. Em volta, na parede esburacada,
Silvas que o pó começa a amarellar.
Longe, ha sussuros d'aguas de levada
E borboletas a esvoaçar.

10. Quasi ao sol posto, o sacristão da aldeia
Vae accender a tremula candeia
Que expõe o santo a olhos penitentes.

E a minha ingenua crença portugêsa,
Lá vae alumando, com tristêsa,
Buracos, silvas, coisas **indiff'rentes!**

Extrema uncção

(Do natural)

A D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

Levava o senhor Cura a extrema uncção
De manhãzinha, o sol já era nado,
Quando, ao dobrar caminho, o sacristão
Ficou p'ra traz, olhando o pó, parado.

5. Parou tambem o senhor Cura. – Então?
Mas em silencio, o acolyto, curvado,
Apontou-lhe, – e tremia, a sua mão –,
Um cacho de formigas esmagado.

- Santas alminhas! murmurou o velho.
10. E unindo ao seu peito o Evangelho
Na benção da paisagem e da luz,

Vista lançada á roda, inquieta, attenta,
Mergulhou o hyssope n'agua benta
E traçou, sobre ellas, uma [cruz](#).

Lisboa, julho de 1910.

INDICE

INDICE

	PAG.
Dedicatória.....	7
A Cruz.....	13
Ballada dos chocalhos.....	17
Lume apagado.....	21
Elegia das candeias.....	27
Elegia da Varanda Portuguesa.....	31

CANÇÕES

Canção do Pó.....	37
Canção do caruncho.....	41
Canção do degredado.....	47
Canção do povo.....	51

AS DANÇAS POPULARES

O vira.....	57
O regadinho.....	59

	PAG.
A ciranda.....	61
O malhão.....	63

SONETOS

Poesia dos caminhos.....	67
A ultima volta.....	69
Madrugada.....	71
O correio rural.....	73
Velha fabula.....	75
Gottas d'agua.....	77
Cinzas dos lares.....	79
Troncos nús.....	81
Inverno agreste.....	83
O olhar de Deus.....	85
Velha amiga.....	87
Saudade.....	89
Lei do Mundo.....	91
O nicho.....	93
Extrema uncção.....	95

ISBN: 978-1-300-83352-9